

REFLEXÕES SOBRE OS PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM
Reflections on learning problems

PEREIRA, Patrick
Faculdade Jaguariúna

A transmissão direta da cultura como estratégia para a perpetuação da espécie é um dos principais fatores que distinguem o ser humano das outras espécies animais, e ocorre de forma dinâmica e multideterminada em inter-relação com a estrutura do sujeito (VIGOTSKI 1996). O meio social dotado de padrões e valores perpetuados pelas instituições criadas pelo homem, pode levar o indivíduo para uma situação na qual sua qualidade de vida será muito além ou aquém do que sua capacidade biológica permitiria caso vivesse dependendo unicamente dos recursos da natureza.

Quanto mais o conhecimento humano evolui, mais afastadas da natureza e dependentes das cidades as pessoas se tornam, e esse é um movimento que parece não ter volta (CAIAFFA 2008). Nesse sentido, a transmissão da cultura e do conhecimento que tem se acumulado ao longo dos séculos tem ganhado cada vez mais importância, e a educação básica que antes era responsabilidade apenas da igreja e se destinava a uma minoria da população, hoje é obrigatória pelo estado e alcança praticamente a todos.

Outro fator evidente na espécie humana é sua diversidade comportamental, cada vez mais ampliada pela miscigenação de diferentes culturas e saberes. Várias teorias e conceitos se complementam na tentativa de explicar ou exemplificar o fato de que nenhum ser humano é igual a outro, e expressões como subjetividade, idiossincrasias, personalidade, repertório, etc. se confundem no senso comum enquanto sinônimos, explicação ou mesmo justificativa para a diferença entre os seres humanos. Porém, quando essa diferença implica em uma dificuldade em conviver com certas pessoas, essas palavras são substituídas por outras, tais como transtorno, síndrome, doença mental, etc. que nos auxiliam a aceitar uma “anormalidade” humana passível de tratamento (ou correção), como bem revela Machado de Assis no livro *Alienista* (1979).

Considerando o exposto acima, é possível concluir que quanto mais pessoas tiverem acesso à escola, mais dificuldades serão estabelecidas no processo de ensino e aprendizagem, e conseqüentemente mais conflitos passarão a figurar nas relações interpessoais entre os alunos e entre alunos e professores, principalmente considerando a forte imposição do Estado para que todos frequentem a educação básica (PEREIRA 2013). Por outro lado, maiores serão as possibilidades para que as habilidades sociais se desenvolvam de maneira plena.

Os problemas de aprendizagem podem ter origens diversas e múltiplas. Isso reflete a diversidade humana, tanto em âmbito biológico e principalmente no cultural e subjetivo. Como exemplo cita-se a constatação de Montoya (1996), que sob uma perspectiva desenvolvimentista Piagetiana, aponta as condições nutricionais de crianças como condicionantes para a aprendizagem. A mesma autora, porém, reflete que outros determinantes sociais como escolaridade e profissão dos pais exercem grande influência no aproveitamento escolar dos alunos, uma vez que o contexto familiar de crianças com baixa renda ou mantida por pessoas que exercem principalmente ofícios manuais, não proporciona e/ou não estimula o desenvolvimento das habilidades valorizadas e cobradas pela maioria das escolas. Dessa forma, devido a inadequação do que a criança é capaz e estimulada a fazer em casa em relação ao que se espera dela na escola, a dificuldade escolar tem início, podendo gerar uma série de desajustes entre a equipe escolar e o aluno, resultando em estereótipos e inaptações que, se não resolvidas, podem perseguir o estudante durante toda a sua vida acadêmica, culminando em um crescente desapontamento com a escola, e por fim na não aprendizagem, conflitos com professores, alunos, família e até mesmo no abandono escolar.

Montoya (1996) concluiu que os fatores biológicos e sociais estão inter-relacionados, sendo difícil separá-los como determinantes únicos, afinal a criança é algo mais que a simples soma de suas partes, ou melhor, é um indivíduo, e por tanto não pode ser dividida.

A abordagem Comportamental corrobora com essa perspectiva. Skinner desde 1930 realizava experimentos para entender o comportamento humano, e o resultado de suas pesquisas ajudam na compreensão de atitudes, valores e ações humanas em diferentes contextos. Suas pesquisas

demonstraram que nosso repertório é construído em interação com o ambiente e, as contingências de reforçamento experimentadas selecionam os comportamentos, isto é, atitudes, sentimentos e até mesmo os pensamentos. Em outras palavras, nosso comportamento é uma resposta aos estímulos do meio social, histórico e cultural em que vivemos, que natural ou arbitrariamente reforçam alguns padrões comportamentais em detrimento de outros (SKINNER, 1965).

A resistência em aprender pode revelar uma parte da subjetividade do indivíduo que não se encaixa no padrão colocado pelo sistema educacional em que está submerso. Os modelos educacionais valorizam apenas uma parte do corpo da criança, a cabeça. A criança pode apenas observar e falar quando lhe é dada a permissão. O corpo é usado apenas para sentar e escrever. O olfato, tato e paladar devem ser sublimados. Considerando esses aspectos da educação formal tradicional, cabe o indagação: o quão humana é a educação?

A partir do século XIX, com o avanço da ciência e da tecnologia, a aquisição de novos conhecimentos tem ganhado cada vez mais importância para explicarmos e vivermos nesse mundo (BAPTISTA & CAMPOS 2007), e como consequência a escola se tornou um espaço obrigatório para as crianças. Cada vez mais cedo as famílias colocam seus filhos em instituições que tem como missão propiciar o desenvolvimento intelectual das crianças (MEC 2009). Essas instituições são espaços propícios para a interação social (CUNHA 2007), e um espaço de grande influência na estruturação da personalidade dos indivíduos. Por isso, a psicologia escolar com base na Teoria Comportamental de Skinner, tem sido de suma importância para a compreensão dos fenômenos que facilitam ou dificultam o processo de ensino e aprendizagem (SÉRIO *et al.* 2012).

Na maioria das escolas as crianças são obrigadas a conviver diariamente em um ambiente que não estimula a pesquisa ou que não consegue contextualizar a importância da aquisição dos conteúdos que quer transmitir (CUNHA 2007), dessa forma não cria nos alunos uma expectativa quanto ao aprendizado, de forma que este só ocorre por meio da pressão da escola ou dos pais, quando ocorre.

A educação pautada no medo de reprovação, castigo, chacotas e outras punições é um campo fértil para a instalação das dificuldades de aprendizado e de outros transtornos, que resultam em encaminhamentos a diversos profissionais, com a missão de padronizar as crianças e facilitar seu encaixe às instituições padronizadas e padronizantes.

Nesse sentido, Schon (1953) reflete que diversas instituições educativas buscando suprir a expectativa social de formar cidadãos tecnicistas, que sabem reproduzir ações, sem no entanto ter de refletir sobre elas, não encontra caminhos alternativos, uma vez que também são pressionadas pela hierarquia na qual é constituída e também pela da própria realidade social em que está inserida.

Considerando a realidade acima descrita, é natural o crescente aumento pela procura de serviços de psicologia, psicopedagogia ou mesmo neurologia e psiquiatria. Cabe a esses profissionais identificarem o real motivo da dificuldade, e auxiliar aluno, família e escola a resolver o conflito. Essa é uma complicada tarefa, especialmente considerando que as famílias estão cada vez mais fragmentadas, e que o modelo de escola tradicional está passando por alterações substanciais previstas por leis, como por exemplo a inclusão de pessoas com necessidades especiais, que tem ganho cada vez mais espaço nos ambientes educativos e provocado grandes desafios (PEREIRA 2010).

Dessa forma, a escola tem recebido alunos de realidades diversas e não está preparada para lidar e incluir todas as idiossincrasias, o que reverbera na insegurança e conseqüentemente no desenvolvimento escolar (PEREIRA, 2013). Cita-se como exemplo a pesquisa realizada por Araújo com mães e professoras de crianças entre 4 e 5 anos, na qual foi constatado que embora as mães tenham insegurança na educação de seus filhos, elas atribuem grande responsabilidade às escolas na indisciplina das crianças. Enquanto que as professoras relatam necessitar da ajuda dos pais para o cumprimento das regras na escola, atribuindo-os em grande parte a causa pela falta de limite dos alunos (ARAÚJO 2007).

Dessa forma, a aproximação saudável entre a escola e a família parece ser uma das chaves para uma convivência harmoniosa na escola e o desenvolvimento humano, uma vez que as dificuldades escolares se

relacionam com aspectos sociais, emocionais e com a relação professor-aluno (ROZEKA & SERRA 2015).

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, G. B. de. Limites na educação infantil: as representações sociais de pais e professores. 84 f. **Dissertação** (mestrado). Instituto de psicologia – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2007.

ASSIS, Machado de. (1979) **O Alienista**. In: Obra Completa. Vol. II, Conto e Teatro. Organizada por Afrânio Coutinho, 4ª edição, ilustrada. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar, p. 253-288.

CAIAFFA, W. T.; FERREIRA, F. R.; FERREIRA, A. D.; OLIVEIRA, C. D. L.; CAMARGOS, V. P.; PROIETTI, F. A. Saúde urbana: "a cidade é uma estranha senhora, que hoje sorri e amanhã te devora". **Ciênc. saúde coletiva**. Rio de Janeiro, v.13, n.6, p.1785-1796, Nov./Dez. 2008.

CUNHA, R. B. Lembranças de Escola na Formação Inicial de Professores. In: PRADO, G. V. T. & CUNHA, R.B. (orgs). **Percursos de Autoria: exercícios de pesquisa**. Campinas, Editora Alínea, 2007.

MEC – Ministério da Educação. Assessoria de Comunicação Social.

Matrículas na pré-escola e em creches apresentam aumento. 2009.

Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=15665:-matriculas-na-pre-escola-e-em-creches-apresentam-aumento&catid=211&Itemid=164. Acesso em 15 jul. 2015.

MONTOYA, A. O. D. **Piaget e a criança favelada: Epistemologia genética, diagnóstico e soluções**. Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes, 1996.

PEREIRA, P. Educação Moral e Inclusão Escolar: duas práticas inter-relacionadas. In: ARAGÃO, A. M. F. de (Org.). **Caderno de Resumos e Programação do II Congresso de Pesquisa em Psicologia e Educação Moral: Conflitos Na Instituição Educativa: Perigo Ou Oportunidade?** 2011, Campinas. São Paulo, 2010.

PEREIRA, P.; MARQUES, C. A. E. ; JUSEVICIUS, V. C. C. . A Ação Dos Professores Diante Dos Conflitos Entre Alunos. **Intellectus. Revista Acadêmica Digital**, v. 25, p. 215-237, 2013.

ROZEKA, M. & SERRA, R. G. Dificuldades de aprendizagem e problemas emocionais: reflexões sobre a necessidade de uma proposta de formação docente. **Educação Por Escrito**, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 167-184, jan.-jun. 2015

SÉRIO, T. M. de A. P. *et. al.* **Controle de estímulos e comportamento operante**. 3 ed rev, São Paulo. EDUC, 2012.

SCHÖN, D., **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem.** Porto Alegre: ArtMed, 2000.

SKINNER, F. B. **Science and Human Behavior.** New York, The Free Press. 1965 (Publicação original 1953).

VIGOSTSKI, L. S. Problemas de la Psicología Infantil. In: **Obras Escogidas, tomo IV.** Madri: Visor/MEC, p. 249-386. 1996.